

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

**ANA KELLY PEREIRA DA SILVA**

**INFORMAÇÃO PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA :  
O Caso da Comunidade “Ernesto Che Guevara”**

**Fortaleza  
2007**

**ANA KELLY PEREIRA DA SILVA**

**INFORMAÇÃO PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA :  
O Caso da Comunidade “Ernesto Che Guevara”**

Monografia submetida ao curso de Biblioteconomia da  
Universidade Federal do Ceará como requisito para a  
obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra.: Virgínia Bentes Pinto.

**Fortaleza  
2007**



**ANA KELLY PEREIRA DA SILVA**

**INFORMAÇÃO PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA :  
O Caso da Comunidade “Ernesto Che Guevara”**

Monografia submetida ao curso de Biblioteconomia da  
Universidade Federal do Ceará como requisito para a  
obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa Dra: Virgínia Bentes Pinto.

Aprovada em: 08 / 01 / 2007

Banca Examinadora

---

Profa: Dra: Virgínia Bentes Pinto  
Universidade Federal do Ceará  
Orientadora

---

Prof. Dr.: Casemiro Silva Neto  
Universidade Federal do Ceará  
Examinador

---

Prof. Dr.: Luiz Tadeu Feitosa  
Universidade Federal do Ceará  
Examinador

*A meus pais, que embarcaram junto comigo em minha caminhada e não deixaram que eu me perdesse deste sonho que um dia foi meu, mas agora é compartilhado e absorvido também por eles.*

*À comunidade "Ernesto Che Guevara", que me acolheu e me mostrou o quanto uma semente revolucionária pode mudar o mundo  
(...)*

*À professora Dra. Virginia Bentes que soube me acalantar nos momentos de desespero e angústia que antecederam a conclusão deste trabalho*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, senhor de todas as coisas e senhor da minha vida, que sempre me deu a coragem necessária para nunca desistir de nada que me propus a fazer, embora muitas vezes os obstáculos estivessem mais perto de fazerem com que elas não acontecessem. Graças a este senhor que está sempre presente em meus pensamentos, pude realizá-las.

A meus pais, os verdadeiros mercedores dessa vitória, por seus esforços contínuos na busca para realização deste sonho. A luta não é fácil quando a recompensa é muito desejada.

Aos meus irmãos Kelby, Telvane e Keivilany que são partes imprescindíveis de um todo a minha família.

À professora Lídia Eugênia Cavalcante, que iniciou este trabalho junto comigo e por motivos muito justos não pode terminá-lo, mas deixou sua marca registrada nas suas entrelinhas e acima de tudo em minha vida, a marca de sempre cumprir com aquilo que fora prometido, uma lição que levarei para o decorrer de minha carreira profissional.

À professora Virgínia Bentes Pinto, que abraçou com todo carinho o trabalho no meio do caminho, mas que foi fundamental para a sua conclusão. A medida certa, no tempo certo. Além de ser a nossa grande inspiração de vida profissional.

Aos professores que, indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, através dos ensinamentos diários no decorrer da jornada, Fátima Oliveira Costa, Fátima Fontenele, Fátima Portela, Luiz Tadeu Feitosa, Casemiro Silva Neto, Ivone Bastos, Rute Pontes, Wagner Chacon, Ana Maria Sá e Raimundo Benedito. Sem esquecer da que não mais pertence a esta Universidade, mas não menos importante Lúcia Mara Braga, que nos suportou por três semestres seguidos.

Às bibliotecárias Symone Maria, Maria Teresa Aires e Adelly Maciel, por compartilharem comigo suas experiências profissionais fazendo com que eu me tornasse bibliotecária de coração.

Às irmãs Lucila, Leticia e Iraídes por me deixarem fazer parte da família Cordimariana, abrindo as portas de sua Instituição para que eu pudesse colocar em prática todo o conhecimento adquirido na Universidade.

A amiga Teresinha Sena Cavalcante que partilhou das horas mais difíceis e também das alegrias cotidianas no exercício do trabalho diário.

A todos os funcionários do Colégio Nossa Senhora das Graças, onde tive o primeiro contato com a profissão de Bibliotecária e me apaixonei perdidamente, que muito me ajudaram no despertar para esta profissão.

À verdadeira família da qual somente na reta final pude fazer parte, mas, como toda família, soube me acolher e me integrar rapidamente no seu meio, o pessoal do jornal O POVO.

Às amigas de ontem, hoje e de sempre: Camila Morais, (A futura mamãe da biblioteconomia) Mayra Mesquita (a amiga carinhosa, dos momentos difíceis), Elizângela Tenório (A doçura em pessoa), Maria Neide (aquela das horas mais apertadas) Carla Façanha (A amiga mais rebelde que tenho), Renata James (a amiga dos momentos de alegria e descontração e futura mestra), Ingrid Sousa ( a parceira das farras na casa da James) e Marina Alves ( que muito me ajudou nas horas difíceis de crises), que estiveram presentes em determinados momentos e cada uma a sua maneira mostrou seu companheirismo e amizade.

À turma de Biblioteconomia 2006.2, por depositar em mim a confiança necessária para a realização das celebrações finais deste sonho coletivo.

A todos os não citados que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.



## RESUMO

Apresenta uma comunidade com características de movimento social existente na periferia de Fortaleza, denominada Ernesto Che Guevara, na qual problemas decorrentes da falta de conhecimento e acesso à informação são enfrentados pelos moradores. A análise é realizada sob a luz dos benefícios que a informação pode trazer para o exercício da cidadania, através dos canais e fontes informacionais franqueados a referida comunidade. Trata-se de uma pesquisa exploratória, com entrevista semi - estruturadas com a finalidade de avaliar qual o conhecimento dos moradores a cerca do papel da informação para a melhoria de suas consciências cidadãs.

**Palavra – Chave:** Necessidade de Informação; Cidadania; Movimento Social

## **ABSTRACT**

It presents a community with characteristics of an existing social movement in the periphery of Fortaleza, the "Ernest Che Guevara, where decurrent problems of the knowledge and access to the information are faced by the inhabitants. It analyzes under the light of the benefits that the information can bring for the exercise of the citizenship; the access, the informacionais canals and sources, the degree of information as well as the satisfaction of the inhabitants of the information that have access in the community. I reflected through an exploratory research and method of half interview structuralized which the knowledge of the inhabitants of the community about the paper of the information for the improvement of its conscience citizen.

**Key Words:** Necessity of Information; Citizenship; Social Movement

## **LISTA DE SIGLAS**

**CAGECE** – Companhia de Água e Esgoto do Ceará

**COELCE** – Companhia de Eletricidade do Ceará

**DCM** – Defesa Civil do Município

**DNIT** – Departamento Nacional de Infra - Estrutura de Transporte

**HABITAFOR** - Fundação de Desenvolvimento Habitacional Fortaleza

**MCP** – Movimento dos Conselhos Populares

**ONG'S** – Organizações Não – Governamentais

**PAMCECG** – Presidente da Associação de Moradores da Comunidade “Ernesto Che Guevara”

**PC do B** – Partido Comunista do Brasil

**PT** – Partido dos Trabalhadores

**SASE** – Secretaria da Ação Social do Estado

**SER** - Secretaria Executiva Regional

**SPU** – Secretaria do Patrimônio da União

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 OS MOVIMENTOS SOCIAIS.....</b>	<b>13</b>
2.1 Um pouco de História.....	13
2.2 Os movimentos sociais no Brasil .....	15
2.3 Movimentos Sociais versus o conceito de Comunidade: A luta pela moradia .....	17
2.4 O Mcp e a comunidade Ernesto Che Guevara: O cerne da questão .....	20
<b>3 A COMUNIDADE “ERNESTO CHE GUEVARA” .....</b>	<b>24</b>
3.1 Uma história de conflitos e persistências .....	24
3.2 As relações da comunidade “Ernesto Che Guevara” com o MCP e com Políticos: as múltiplas facetas .....	26
3.3 Os Problemas da Comunidade.....	28
<b>4 REFLEXÕES SOBRE AS NECESSIDADES DE INFORMAÇÃO.....</b>	<b>31</b>
4.1 Discutindo o conceito de informação .....	31
4.2 Informação para a Comunidade .....	34
<b>5 PARA ALÉM DO APORTE TEÓRICO .....</b>	<b>39</b>
<b>6 TRATAMENTO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>41</b>
6.1 Grau de escolaridade.....	41
6.2 Consciência dos moradores em relação à informação visando à satisfação de suas necessidades	42
6.3 Contribuição das assembléias para o acesso à informação .....	44
6.4 Tipos de informações demandadas para o exercício da cidadania.....	45
6.4.1 Informações jurídicas:.....	46
6.4.2 Informações Educacionais: .....	46
6.4.3 Informações em saúde: .....	47
6.5 Fontes e canais de informações utilizadas pela comunidade. ....	49
6.6 Acesso satisfatório das informações que os moradores têm necessidade .....	51
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>56</b>



## INTRODUÇÃO

A instauração de um movimento social representa um ideal de luta para a obtenção de um sonho ou aspiração a ser alcançado. Uma luta contra as injustiças, as desigualdades, a opressão, a qualquer decisão que ponha em risco a condição do homem de, ser de fato e de direito, reconhecido como tal. Luta muitas vezes sangrenta, armada que, em alguns casos, chega ao ápice com a degradação da vida, como podemos notar no decorrer da história da humanidade, e da nossa em particular, onde diversas personalidades deram a sua vida por um ideal.

Um desses personagens foi Ernesto Guevara de La Serna, o mundialmente conhecido 'Che Guevara', um dos líderes da Revolução Cubana, que teve como maior contribuição para a história da humanidade o despertar de sua consciência crítica e política. Esta consciência política contribuiu para entrar na luta contra a dominação dos países sul-americanos pelos países desenvolvidos. Este fato culminou, mais tarde, com a sua participação na Revolução Cubana, obtendo na ocasião sua maior vitória, pois o povo tomou o poder e estabeleceu o modo de vida que iria seguir, dali por diante, com a disposição de Fidel Castro, tanto admirado quanto odiado.

Tal fato fez com que o nome de Che Guevara fosse lembrado em qualquer revolução, luta, levante ou movimento que lute contra as injustiças, contra a dominação. Seu nome virou palavra de 'ordem' quando se quer chamar a atenção para algo que não está satisfazendo a necessidade de alguém ou algo que não está funcionando da maneira correta.

Foi para lembrar esse líder, de tantos feitos, homenageando-o pelo caráter de sua luta e objetivos, que se atribuiu seu nome a uma comunidade na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará. Na realidade, o nome da comunidade não foi apenas para homenageá-lo, mas para chamar a atenção das autoridades competentes para o fato de que a comunidade, em estudo, assim como Che Guevara, também estaria disposta a combater, se fosse preciso, para atingir seus objetivos, o seu direito à moradia.

Decorridos dois anos de sua ocupação, com forte luta inclusive armada, para a não residência dos moradores naquela região, a comunidade enfrenta vários problemas. São eles: a falta de infra - estrutura, a falta de educação, saúde e cultura para o desenvolvimento de uma vida digna. E no que se refere a este trabalho, o não acesso às informações necessárias, utilitárias que

poderiam ajudar na resolução dos problemas existentes na comunidade e, assim, colaborar com a construção da verdadeira cidadania.

O interesse de nossa pesquisa, junto à comunidade “Ernesto Che Guevara” vem ao encontro dos seguintes questionamentos: Qual é o grau de consciência de seus moradores, em relação à satisfação das necessidades básicas de infra-estrutura, saúde e educação? O acesso às necessidades informacionais é satisfatório? Qual é a contribuição das assembleias para manter a comunidade informada? Quais as informações que os moradores necessitam para solucionar os problemas constatados por eles? Quais são as fontes e canais de informações utilizados pela comunidade para obter informações necessárias ao seu cotidiano?

A nossa pesquisa tem como objetivos fundamentais refletir acerca dos problemas do acesso à informações de utilidade pública, a informação que poderia levá-los a adquirir um conhecimento necessário para remediar os problemas existentes na comunidade. A informação necessária para contribuir com a formação dos moradores da comunidade em que concerne aos seus direitos e deveres, a fim de que sejam capazes de tomar atitudes cabíveis para a remediação dos males enfrentados por eles no dia-a-dia.

Antes, porém, convém fazermos uma reflexão acerca do que é um movimento social, e analisarmos se a comunidade estudada se encaixa no perfil de uma comunidade reivindicante. É desse aspecto que trata o primeiro capítulo do nosso trabalho, onde estabelecemos um perfil dos movimentos sociais no âmbito histórico para que haja um maior entendimento da história da comunidade “Ernesto Che Guevara”.

Em seguida, relacionamos a história dos movimentos sociais e a comunidade “Che Guevara”, que se entrelaça com a história do movimento do qual obteve muitos ideais, o Movimento dos Conselhos Populares (MCP), na pessoa do então presidente da Associação de Moradores.

Entendendo a relação com o MCP, logo nos deparamos com os problemas que a comunidade enfrenta, assim, no capítulo dois, estabelecemos a caracterização da comunidade. Para tanto, procuramos ouvir, com mais afinco, o presidente da Associação de Moradores que, desde o começo, está à frente do movimento pró - moradia e, mais do que ninguém sabe como



está a situação dos habitantes, e o porquê da ocupação do terreno localizado na BR116 no km 07, onde hoje se encontra a comunidade em questão.

É no terceiro capítulo que nos aprofundamos no problema maior da nossa pesquisa, o problema da falta ou deficiência de informação. Nesse capítulo, abordamos, não com muita profundidade, o conceito tão complexo do que é informação, para que pudéssemos explicar o porquê do problema estudado e, assim, delimitarmos a nossa pesquisa.

O emaranhado organizado da metodologia escolhida como norte dessa pesquisa se esclarece no quarto capítulo do nosso trabalho. Neste capítulo, procuramos clarear como foi feita à coleta de dados e a análise dos mesmos. A fim de obtermos melhores resultados, adotamos técnicas bastante sensíveis, como a entrevista semi - estruturada, aqui a que melhor se adequa a nossa pesquisa afim de chegar a uma interpretação mais perto possível da realidade da qual faz parte à comunidade "Ernesto Che Guevara". Por tratar-se de uma observação participante, a riqueza de detalhes está diretamente explícita no nosso trabalho sem, claro, deixar de seguir o caráter objetivo e verdadeiro de uma pesquisa científica. As conclusões e recomendações do estudo estão apresentadas no capítulo cinco.

## 2 OS MOVIMENTOS SOCIAIS

### 2.1 Um pouco de História

Ao falarmos em movimentos sociais, logo nos remetemos à idéia de ação, de algo em movimento, no caso aqui, uma causa, ou mais, uma luta social. Algo para o bem dos que se propuseram a inventar tal movimento, pessoas essas que se sentiram incomodadas, ou ainda, injustiçadas, ou no melhor dos casos, tão somente buscam melhorar sua vida, ou fazer alguma coisa para que o outro se sinta reconhecido como ser humano na sociedade em que vive.

Corroborando e sintetizando o conceito de movimento social, Gohn (1997, p.251) descreve que esses movimentos na realidade:

[...] são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciadas pelo grupo na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político - cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum. Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não-institucionalizados.

Nesta passagem percebemos que os movimentos sociais acontecem a partir da conscientização dos envolvidos. Logo, estes movimentos participam das mudanças históricas de um país, de um povo, pois contribuem para as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. Além de ter como característica básica a solidariedade e a valorização da identidade do grupo.

Criada por volta do ano de 1840, a fim de designar o nascimento do movimento operário europeu, e mais tarde como forma de representar a organização racional da classe trabalhadora, em sindicatos e partidos empenhados na transformação das relações capitalistas de produção, a categoria dos movimentos sociais sofreu diversas transmutações.



Se, antes, os movimentos sociais eram representantes de uma organização racional, atualmente, podem ser considerados como sendo oriundos de geração espontânea. Fatos como, a explosão dos movimentos espontâneos que sacudiram a Europa no final dos anos 60, a desmitificação dos regimes socialistas do leste e a sucessiva erosão dos esquemas teóricos Marxistas acabaram por marcar a configuração de um novo tempo: o tempo dos “novos movimentos sociais”.

Assim como a designação sofreu significativas mudanças, também o paradigma dos movimentos sociais tem passado por sucessivas crises, principalmente no que diz respeito às premissas que organizam as matrizes interpretativas que direcionam tal designação. Ocasionalmente diversas opiniões e visões acerca dos novos movimentos sociais.

Segundo Eric Hobsbawm (1981, p. 9), assuntos relativos aos costumes, às tradições culturais, ao artesão ambulante, ou mesmo à destruição de máquinas “têm uma coisa negativa comum: ficam fora dos limites da história cronológica direta ou narrativa dos movimentos trabalhistas”. Em outras palavras, ficam fora da moderna racionalidade organizada sem que sejam contemplados nos estudos históricos, salvo raríssimas exceções.

Tal visão foi questionada pelo sociólogo Alain Touraine (1987 *apud* DOIMO 1995, p. 39) que, após a morte do socialismo, considerou os movimentos de gênero pacifistas, ecológicos e nacionalistas como representativos desses “novos” movimentos sociais. As análises de Touraine não diferem da visão de Hobsbawm, para ele os “velhos” movimentos sociais possuem uma característica genuína superior a todos os particularismos corporativos ou insensatos; ou seja, os movimentos que desenvolvem uma postura de hostilidade em relação ao Estado. Essa conclusão de Touraine provocou profundas reflexões por parte de estudiosos, ativistas, militantes partidários e certas instituições interessadas no processo sócio-político. Corroborando este pensamento, Offe (1985 *apud* DOIMO 1995, p.45) afirma que:

Princípios e reivindicações morais como a dignidade e a autonomia do indivíduo, a integridade das condições físicas de vida, nada mais é do que uma ênfase seletiva sobre velhos princípios já firmemente enraizados nas filosofias políticas como herança dos movimentos progressistas tanto da classe trabalhadora quanto da burguesia.

Como se pode observar, a afirmação acima caracteriza o pensamento marxista. O pensamento que idealizou um movimento que até hoje constrói teorias e seguidores muito fiéis de tais teorias; Os seguidores do movimento socialista, que mesmo não tendo um sucesso esperado no decorrer dos anos, se transformaram em utopia vanguardista.

## **2.2 Os movimentos sociais no Brasil**

No Brasil, mesmo que a maioria dos movimentos sociais tenha sido pautada sobre as carências de sobrevivência imediata, as reflexões teóricas também geraram diversas interpretações. Segundo Doimo (1995, p.47), essas reflexões se processaram a partir de três visões: estrutural-autonomista, cultural-autonomista e enfoque institucional.

1) estrutural – autonomista, onde a sociedade, a partir do acionamento da contradição urbana na qual o Estado financia a reprodução do capital em detrimento da garantia de reprodução, cria um conflito tornando a sociedade contraditória ao regime autoritário. Este fato provoca a rebelia, a hostilidade, a mola para os chamados movimentos urbanos, movimentos que se tornaram sinônimos dos movimentos sociais a partir de tal matriz teórica interpretativa.

2) cultural – autonomista que, ao contrário da anterior, saiu em busca do sentido das práticas no campo de sua própria experiência, passando assim da descrença na eficácia de ideologias externas à própria ação.

No entanto, essas duas premissas, mesmo sendo muito festejadas no final da década de 70, do século XX, não conseguiram as transformações esperadas, as ações não vieram, tampouco os novos projetos políticos. Foi então que o restabelecimento dos canais institucionais de participação, a reinstauração do pluripartidarismo e o aquecimento do debate sobre a democracia deram origem às reflexões teóricas.

3) enfoque institucional, onde se admitia não ações anti-Estado, mas alianças, pactos e conflitos internos, onde o Estado podia ser ‘amigo’ ou ‘inimigo’ dependendo dos interesses em jogo.



Em suas reflexões sobre este tema Doimo (1995, p.50) chama atenção para este fato ao afirmar que:

A novidade fundamental dos novos movimentos da sociedade contemporânea está precisamente no fato de se originarem fora da esfera produtiva e dos canais convencionais de mediação política, em espaços fortemente marcados por carências referidas ao vertiginoso crescimento e crise do Estado capitalista.

No entanto, em meados dos anos 80, ao interpretar as coordenadas estruturais do seu tempo, ao processar as novas influências intelectuais e correntes européias de pensamento, ao estabelecer um diálogo crítico com a tradicional cultura política autoritária brasileira, bem como ao resgatar e revalorizar outros traços da tradicional cultura – comunidade, relações interpessoais – os atores sociais, como a Igreja Católica e os intelectuais acadêmicos, recuperaram a idéia do povo como sujeito, com capacidade ativa e formulas violenta de ação transformadora.

A partir de então, inaugurou-se uma concepção centrada na capacidade ativa do povo, pela qual não havia mais lugar nem para o culto do “Estado - Nação”, que prometia o desenvolvimento pela eficácia instrumental - administrativa do planejamento compreensivo, nem tampouco para a ação das ‘vanguardas’, que previam combater o imperialismo e o latifúndio pela conscientização das massas passivas e indiferentes.

O que se observa na realidade é que, com o processo da emergente crise do marxismo, segmentos da intelectualidade lêem Gramsci, um grande pensador marxista, e descobrem o conceito de sociedade civil e o valor do senso comum contra o lado perverso do chamado centralismo democrático. Até a Igreja Católica abre-se para novas experiências organizativas e teológicas, soltando o brado da ‘autonomia’ das organizações de base contra o avanço da racionalidade do Estado. Nesse sentido afirma Telles (1987, p.59).

A idéia do ‘povo como sujeito da sua própria história’ ganhava cada vez mais corpo e tudo convergia para se imaginar que a dimensão da vida sócio – política prescindia dos canais convencionais de comunicabilidade política, expressando a capacidade de auto-organização popular no sentido de engendrar, por si mesma, os elementos portadores de futuro.

Esta passagem retoma a tese de inúmeras teorias que defendem o povo como sujeito e ativo de sua própria história. O que faltava agora era o povo se organizar tomando consciência do seu papel de sujeito ativo da sociedade.

### **2.3 Movimentos Sociais *versus* o conceito de Comunidade: A luta pela moradia**

Reverendo o conceito de comunidade, percebe-se que não se trata de um conceito novo, muito pelo contrário, ele está associado à idéia de classe e tem uma acentuada conotação conservadora no pensamento político clássico.

Segundo Robert Nisbet (1977 *apud* DOIMO 1995, p.89)

[...] a luta pelo dismantelamento da estrutura corporativa da sociedade medieval, como condição para o desenvolvimento do Estado moderno, tornou os justunaturalistas do século XVII e XVIII ferrenhos contestadores da idéia de comunidade e do direito divino, em nome da racionalidade e do direito natural.

Porém, foi com as reações aos desdobramentos absolutistas da Revolução Francesa que a idéia de comunidade tradicional era resgatada pelos reformadores e conservadores, tornando-se um dos pontos centrais do trabalho de todos os conservadores que se opunham ao individualismo despersonalizado. Até o próprio socialismo científico opunha-se veementemente à idéia de comunidade por significar o espaço do consenso, da cooperação e da homogeneidade, idéias opostas à própria sociedade, que é o lugar das contradições, da divisão do trabalho social, das desigualdades e dos conflitos, elementos que caracterizam e transformam o capitalismo, a fim de fundar uma sociedade igualitária.

No entanto, a partir das análises de Thompson (1987, p.9) percebe-se a classe como algo que acontece efetivamente nas relações humanas, afinal:



A classe não pode ser concebida inseparadamente de como homens e mulheres vivem suas relações de produção, experimentam suas situações determinantes dentro do conjunto de relações sociais, com uma cultura e expectativas herdadas, e de como modelam estas experiências em formas culturais.

Assim, a cultura que, antes era vista como ideologia, passa a ser amplamente revalorizada pelo pensamento da esquerda. É nesse combate ao estruturalismo marxista que se recupera o valor do cotidiano e da cultura.

A igreja também teve um papel fundamental nessa recuperação de valores nas relações interpessoais, o Papa João XXIII elaborou uma encíclica, onde no parágrafo 256, diz que “está inteiramente nos planos de Deus que o homem se desenvolva e se aperfeiçoe por meio do trabalho cotidiano (...) nos negócios temporais”.

Historicamente, sabemos que as regras religiosas foram construídas a partir da vida e imposição da doutrina em pequenas comunidades; o problema do mundo moderno estaria em como colocá-los em prática, em traduzir tais regras, tais princípios, para as condições atuais. Esta, seguramente, é a preocupação da igreja diante dos efeitos negativos de um fenômeno típico do nosso tempo: a diluição das massas e a atomização da existência, a complexa divisão do trabalho e a fragmentação dos papéis sociais. O apego a práticas seculares e o desencantamento do mundo, a monetarização das relações e a perda do sentido de solidariedade, o avanço da racionalidade das instituições e o desapego às relações de tipo primário, especialmente as referidas à família e à religião. O problema central tem a ver, pois, com a mudança, porém uma mudança pensada em termos da passagem do mundo paroquial do interior para a adaptação da comunidade grande sociedade urbana, sob um duplo e até mesmo paradoxal desafio: combater o comportamento massificado preparando, porém, o espírito Cristão para os requisitos da modernidade.

Ao longo da história, podemos observar que um outro setor social que também refletiu sobre o processamento analítico do fenômeno urbano – industrial, foi a academia científica. Na realidade, foi academia científica que infiltrou enraizou os ideais marxistas, desenvolvendo na sociedade brasileira, a instauração de uma moderna cultura urbana contra as características da arcaica comunidade rural, as interpretações marxistas foram em busca das macrodeterminações econômicas do fenômeno urbano – industrial.

Estas reflexões nos levam a concluir que: uma visão marxista, uma sociologia urbana antropologia crítica se reedita a problemática da comunidade no mundo urbano brasileiro, conduzindo a um feliz encontro entre os interesses da Igreja e temas relevantes para a academia científica. Conclui-se que os movimentos sociais que deram vida a essa interação seletiva são suficientemente ambíguos para comportar interesses diferentes. Ou seja, contesta-se o caráter excludente do Estado capitalista e elaboram-se perspectivas de transformação social, caracterizando os interesses da esquerda; Assim como aflora o lado provedor do Estado e arquitetam-se possibilidades de maior integração social e de estabilidade dos grupos primários, no qual se encontram os sujeitos que despertam o interesse da Igreja.

Ao se estabelecer conexões ativas que recuperam a capacidade ativa do povo e ao reelaborar as classes populares, levam-se a emergência das comunidades reivindicantes no espaço urbano. Um exemplo de comunidade reivindicante é a “Ernesto Che Guevara”, que está localizada na BR 116- Km 07 na cidade de Fortaleza, onde residem cerca de 800 famílias provenientes das mais diversas áreas desta cidade e também do interior do Estado do Ceará, ocupando um terreno que antes pertencia ao Departamento Nacional de Infra - Estrutura de Transporte (DNIT), um órgão do governo Federal e que estava há anos desocupado e improdutivo.

Tal comunidade possui uma história de fundação bastante conhecida nas diferentes cidades brasileiras, onde predominam processos próprios das realidades físicas, culturais e conjunturais. No Rio de Janeiro, as favelas sobem os morros, em São Paulo os loteamentos clandestinos orientam a expansão da cidade em áreas de fronteira urbana e, em Fortaleza, a constituição de bairros populares e as favelas emergem construindo o desenho da solução habitacional popular na cidade.

Em todos os casos aqui descritos, é pertinente o recurso à autoconstrução, significando o emprego da mão -de - obra familiar e a utilização de recursos próprios, caracterizando a produção da casa em moldes não capitalista. Muitas vezes, é feita com o pagamento do material parcelado e conforme a posse do proprietário. Tal alternativa entra em cena como meio de remediar o problema da falta de moradia popular.



Em sua análise, BRANDÃO (2001, p.145) argumenta que

a produção doméstica de moradias que foi se consolidando na realidade das cidades brasileiras, favoreceu a redução do valor da reprodução da força de trabalho com soluções habitacionais baratas, segredadas, compatível com a remuneração dos trabalhadores e ainda lhes dava a sensação de estar realizando o 'sonho da casa própria'.

Fortaleza como uma metrópole nordestina, também não fugiu a essa regra. Tendo sua situação piorada com os muitos fluxos migratórios vindos de outros municípios do Estado do Ceará. Os bairros populares e as favelas associadas ao auto - empreendimento, por um lado, e a construção de condomínios de luxo, do outro, revelam a dinâmica da contraditória expansão.

#### 2.4 O Mcp e a comunidade Ernesto Che Guevara: O cerne da questão

Fortaleza tem enfrentado profundas e prolongadas crises que, de tão crônicas, têm afetado a vida de todas as parcelas da população, em particular, a vida dos mais pobres. Na verdade, a vida de centenas de pessoas é afetada pelas crises da cidade. Uma crise que pode ser observada a olhos vistos, é a **crise econômica**, onde a má distribuição de renda afeta grande parcela da população. A segunda **crise é a ambiental**, que assola não só a cidade de Fortaleza, mais o mundo, o aquecimento global causar mudanças climáticas que acarretam várias catástrofes ambientais ocasionando diversas seqüelas que afetam diretamente a população é um fato. A terceira, a **crise cultural**, que é antecedida pela falta de educação e/ou a má qualidade da educação e culmina com a ausência do devido valor aos meios culturais e a geração de um adulto semi-analfabeto e aculturado<sup>1</sup>. A quarta crise é a **urbana e social**, que tem como expressão 700 mil favelados e mais 105 áreas de risco, onde seres humanos moram em casebres insalubres plantados na lama da beira de rios e lagoas ou debaixo de pontes e viadutos. Todas estas crises são de grande violência aos cidadãos, porém, existe uma crise que é o coroamento de todas as anteriormente citadas: A **crise política**, que possui duas dimensões de entendimento: a primeira dimensão é marcada pelo monopólio do poder público da cidade por um pequeno grupo político,

---

<sup>1</sup> Nesse contexto trata-se de um indivíduo desprovido do acesso a meios culturais.

que fica cada vez mais rico, enquanto o restante da população não dispõe das mínimas condições de trabalho, moradia, saúde, educação, cultura, lazer e segurança; a segunda dimensão desta crise diz respeito à situação atual dos movimentos sociais de Fortaleza, em particular, das associações de moradores que, por motivos torpes, acabaram por se dividir e se fragmentar, desfortalecendo a atuação dos movimentos.

Surgindo após as eleições Municipais do ano 2000, na capital do Estado do Ceará, o Movimento dos Conselhos Populares (MCP) a, priori, veio para dar maior organicidade e consistência política aos comitês populares eleitorais criados um tanto espontaneamente nos bairros periféricos da cidade de Fortaleza.

Os conselhos populares são organismos que reúnem o povo da cidade por local de moradia (bairro) para promover o controle público das ações do governo, principalmente a prefeitura, e do parlamento, a câmara de vereadores, e no limite, para governar e legislar diretamente. Diferenciam-se das demais entidades de bairros pelo rigoroso cumprimento dos seguintes princípios: livre participação de todos os moradores de cada bairro, autonomia em relação aos partidos políticos, independência em relação ao governo, democracia em sua estrutura de funcionamento bem como transparência e publicidade de seus atos e decisões. Nesse contexto o MCP, veio recuperar as idéias básicas da organização independente, autônoma e democrática do movimento operário, pois têm sua matriz interpretativa em outros dois movimentos; o Movimento Cearense contra a carestia do século passado, e a Frente Sindical dos Trabalhadores Rurais e Urbanos do Ceará, das décadas de 70 e 80 respectivamente.

Fazem parte do MCP, intelectuais marxistas, ecologistas, feministas, sindicalistas, lideranças de organizações de bairro e militantes. Todos amparados pela constituição de 1988 que, inseriu entre seus princípios fundamentais o princípio da participação popular, com a introdução do plebiscito, referendo e iniciativa popular de lei. Mais tarde, se ampliaram a possibilidade de uso dos mecanismos de democracia participativa através da Constituição do Estado do Ceará e a Lei Orgânica do Município de Fortaleza.

A partir do ano de 2000, o Congresso Nacional aprovou o Estatuto da Cidade através da Lei de nº 10.257 de 10 de julho de 2001. Essa lei prescreve novas indicações sobre a gestão democrática da cidade, inclusive tornando obrigatório para todas as cidades brasileiras o



orçamento participativo, fortaleceu a idéia de mobilizar a população urbana para agir diretamente na tomada de decisões sobre as questões consideradas de vital importância para a vida das pessoas e coletividades. Tornando o movimento dos conselhos populares um tanto oportuno em sua missão.

Tal movimento tem uma profunda ligação com a história da comunidade “Ernesto Che Guevara”. Primeiro, pelo fato dessa comunidade ter um caráter reivindicativo, e ter em suas raízes preceitos de outro movimento, no caso, o MCP, além do Presidente e outros membros da Associação de Moradores terem sido militantes do MCP. Segundo, pela própria estrutura organizacional da comunidade, onde as Assembléias Populares de Bairro, cuja função é discutir problemas locais e encaminhar as soluções aprovadas, é soberana. Foi através dessas Assembléias que, mesmo antes de existir moradores, mas apenas uma vontade popular, se decidiu pela ocupação do terreno da União localizado entre os km 07 e 08 da BR 116.

Toda essa luta da comunidade “Ernesto Che Guevara” vem ao encontro das reflexões de Gohn(1997, p. 266) na qual propõe que um movimento social tenha as seguintes características:

- Situação de carência ou idéias e conjunto de metas e valores a se atingir
- Formulação das demandas por um pequeno número de pessoas (lideranças e assessorias)
- Aglutinação de pessoas (futuras bases do movimento) em torno das demandas
- Transformação das demandas em reivindicações
- Organização elementar do movimento
- Formulação de estratégias
- Práticas coletivas de assembléias, reuniões, atos públicos etc.
- Encaminhamento das reivindicações
- Práticas de difusão (jornais, conferências, representações teatrais etc.) e/ou execução de certos projetos (estabelecimento de uma comunidade religiosa, por exemplo).
- Negociações com opositores ou intermediários por meio dos interlocutores
- Consolidação e/ou institucionalização do movimento.

É certo que um movimento não precisa necessariamente seguir essa linearidade, até porque essas etapas poderão se sobrepor, se o movimento for originário de outro movimento social. Entretanto, são etapas norteadoras para a construção e manutenção do movimento.

Além destas observações, acrescentamos que os movimentos sociais também precisam ter acesso não apenas às informações populares e utilitárias, porém, a outros tipos de informação a fim de que possam se apropriar delas tanto para o exercício de sua cidadania, como também para melhorar a sua atuação no desenvolvimento de produtos e serviços. Como afirma Araújo (1999 p.155):

A informação é um elemento de fundamental importância, pois, é por meio do intercâmbio informacional, que os sujeitos sociais se comunicam e tomam conhecimento de seus direitos e deveres, a partir deste momento, tomam decisões sobre suas vidas, seja de forma individual, seja de forma coletiva. Assim, ao participarem de circuitos comunicacionais, os sujeitos constroem as práticas informacionais.

Portanto, as comunidades envolvidas com esses movimentos, também precisam estar atualizadas sobre as novas possibilidades para enfrentar seu cotidiano e as dificuldades experimentadas.

Não podemos dizer que a comunidade “Ernesto Che Guevara” nasceu do MCP, mas, a comunidade possui uma profunda inspiração do movimento dos conselhos populares, dado que alguns dos seus ideais foram exemplificados e seguidos por esta comunidade. Atrelada a este fato, segue não sistematicamente, mas, conforme o que é sugerido, todas as fases de um movimento social. Tais etapas serão analisadas juntamente com a história da comunidade “Ernesto Che Guevara” no próximo capítulo. Nele, pretendemos entender como uma comunidade nasce e também quais são suas carências. Em nosso trabalho, analisamos o que diz respeito à **falta ou eficiência de acesso à informação** por parte dos moradores da comunidade, e o quanto este problema pode afetar a vida de seus moradores que lutam, dia- a- dia, pela regularização fundiária e por melhorias estruturais e sociais para a sua comunidade.



### 3 A COMUNIDADE “ERNESTO CHE GUEVARA”

O sentido de comunidade gira em torno de algo em comum, de um objetivo em comum. Seja ele político, social, moral ou econômico. Como afirma SUAIDEN (1995, p, 13), “Uma Comunidade é, pois, uma área de vida dotada de certo grau de coesão social”. São as partes ligadas entre si com objetivo único e concreto. Como é o caso da comunidade ‘Ernesto Che Guevara’, onde a luta por moradia caracteriza o objetivo comum de todos os moradores daquele espaço geográfico.

Para melhor entendermos como a comunidade “Ernesto Che Guevara” se estabeleceu, nada mais propício que analisarmos as palavras do então presidente da Associação de Moradores daquela comunidade, que esteve diretamente ligado às lutas e anseios de seus participantes desde os seus primórdios.

#### 3.1 Uma história de conflitos e persistências

A comunidade foi fundada a partir dos anseios de moradores dos bairros: Barroso, Jardim Violeta, João Paulo II e Jangurussu, bairros localizados à margem da “Fortaleza Bela”.<sup>2</sup> Os moradores destes bairros precisavam de moradia e, no exercício de suas lutas de classe, já tinham ocupado outros terrenos nas proximidades, na busca de concretizar o sonho da casa própria.

Segundo o presidente da Associação de Moradores da Comunidade “Ernesto Che Guevara” (PAMCECG), essa luta teve início a partir de 2004, quando 200 famílias que habitavam as margens do rio Cocó, na cidade de Fortaleza, enfrentavam toda sorte de problemas advindos das fortes chuvas que caíram na cidade naquele ano, deixando as casas inundadas e a população desalentada. Neste período, o então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, esteve em Fortaleza e percebendo a situação de risco em que se encontravam os moradores de

---

<sup>2</sup> Proposta do governo municipal cuja bandeira é a melhoria de ruas, praças e avenidas da cidade de Fortaleza, tornando-a mais limpa e bonita.

áreas de risco, anunciou uma verba do governo federal para a construção de novas casas para essas famílias. Os organismos da prefeitura e do Estado estiveram presentes na comunidade, destacando-se os representantes da SASE, (Secretaria da Ação Social) e da DCM (Defesa Civil do Município), que se comprometeram a solucionar os problemas dos desabrigados doando novas casas a essas famílias. A comunidade se encarregou de acompanhar todo o trabalho responsabilizando-se pelo cadastramento das famílias a fim de que elas pudessem receber essas casas. Após esta primeira iniciativa, passaram-se quatro meses, de abril a julho, e nada foi cumprido.

[...] em agosto já sem ver nenhum resultado concreto do que foi acordado e vendo que se aproximava um novo inverno, as famílias ocuparam um terreno que fica entre os bairros jardim Violeta e Barroso, que, a priori, seria mesmo destinado a fins de moradia. No entanto, houve uma forte repressão por parte do governo do Estado na pessoa do então governador Lúcio Alcântara, que mandou policiais militares para reprimirem os moradores. Houve um conflito com os policiais, inclusive, maltrataram mulheres grávidas e arrastaram um companheiro de luta que pouco depois veio a falecer por causa dessa agressão. A imprensa fez uma forte repercussão desse acontecimento, porém, mesmo assim, não se conseguiu se sensibilizar o governo do Estado, que continuou a mandar as tropas militares para entrarem em conflito com os moradores. Houve, então, um novo período, uma Audiência Pública na Procuradoria Geral do Estado e, como não houve uma resposta positiva por parte do governo do Estado do Ceará, e já se encaminhando para de conflitos armados e mais repressões, depois de três meses, logo no começo de Novembro de 2004, ocupou-se o terreno da BR 116. A repressão também não foi diferente da ocorrida com o terreno no Jardim Violeta. Houve muita resistência por parte dos moradores que, inclusive, aumentaram de número. É bom lembrar que houve uma grande repressão, quando se foi colocar a luz, e estamos aqui na resistência. Ficaram mais famílias e, hoje, estamos, já se tem um número de quase 800 famílias. Pessoas que em sua grande maioria, cerca de 90% ou mais, são de condições precárias, oriundas da Beira do Rio, ou outras que moravam em casas alugadas ou que moravam no fundo de quintal de algum parente. Pessoas de bairros como Barroso, Jardim Violeta, João Paulo II e Jangurussu. (PAMCECG).

Nessa primeira parte, podemos observar a falta de cumprimento das promessas do governo e o fortalecimento das lutas dos moradores para ocupar o terreno que hoje é a comunidade "Ernesto Che Guevara". Com confronto, inclusive armado, contra policiais militares mandados pelo governador do Estado Lúcio Alcântara. Observa-se ainda como os moradores se organizaram para que não morresse o objetivo de conseguir uma terra para morar.

Depois desse conflito inicial, as famílias foram persistindo e continuando no terreno também enfrentando outros problemas inerentes a esse tipo de movimento. Porém, aconteceu um



fato ainda mais importante que fortaleceu a luta desse movimento. O número de moradores, antes constituído por 200 famílias, passa hoje a quase 800, e a tendência é aumentar ainda mais, uma vez que a política do governo com relação a moradias para a população de baixa renda, cada vez menos se concretiza, embora o governo insista em apregoá-las na teoria tais políticas.

Existem também os casos em que, dado o contexto de profunda carência, ou até por motivos pessoais, fizeram com que alguns moradores não permanecessem na comunidade. Várias são as histórias conhecidas entre os moradores que permaneceram, de ex - moradores que trocaram seu terreno por comida, por outra casa na beira de rios, com algum dinheiro de saldo, trocaram por um valor irrelevante, que mal dava para comprar um outro barraco em outra ocupação geográfica. Há ainda aqueles que acabam trocando seu barraco por algum bem material inacessível, como uma geladeira, um celular, bens que a maioria dessas pessoas nunca teve, enfim, as histórias são muitas, mas as razões acabam por serem as mesmas, as carências econômicas, sociais e educacionais do cidadão, que se contornadas poderiam levar a uma vida ética e digna.

### **3.2 As relações da comunidade “Ernesto Che Guevara” com o MCP e com Políticos: as múltiplas facetas**

Em nossas leituras, a partir de nossa própria história, e também de conversas com líderes de movimentos populares, percebemos que as lutas de classes por melhores condições de vida surgiram dos próprios movimentos dos oprimidos e apoiados tanto por movimentos da igreja, como por outros grupos organizados e também pela participação de políticos comprometidos com essas lutas. Segundo a fala do presidente da comunidade “Ernesto Che Guevara”, estes movimentos surgiram de:

[...] uma energia de organização popular oriunda das Comunidades Eclesiais de Base, com a união das comunidades da grande Fortaleza. Mas, essencialmente brotou das comunidades de base, que era de onde partiam as organizações populares e associações afins com a idéia de lutar por moradias, por melhores dias de vida, para a população que estava nas áreas de risco e na periferia de Fortaleza. Então, na época do surgimento, a

prefeita Maria Luisa deu uma importância boa ao movimento. E inclusive, essas comunidades fizeram um dia de ida ao Cambéba, (sede do governo do Estado), passando oito dias de manifestação em 1988, três dias de greve de fome. No entanto, o então governador Tasso Jereissati veio receber essas comunidades à meia noite para atender reivindicações simples, elementares como calçamento nas ruas, esgoto essas coisas que eles deveriam ter a 'vergonha' e fazer. Não se precisava fazer oito dias de manifestações, para um Governador vir colocar infra-estrutura nas comunidades. (PACMECG)

No caso da Comunidade "Ernesto Che Guevara" também não foi diferente. A luta também não foi fácil, como bem aponta o Presidente da Associação dos Moradores desta Comunidade.

No nosso caso, aqui, eu e outros que estavam aqui nesta luta fazíamos parte do movimento dos conselhos populares, só que há algum tempo não estava mais militando, minha matriz a minha militância é a Pastoral do Solo Urbano. Então, foi pela fé no Evangelho, por eu ser missionário da Pastoral do solo urbano da Igreja Católica Apostólica que eu me meti nessa luta, por que o princípio da pastoral é atuar nas áreas de risco, é ajudar a organizar o povo que quer se organizar, e se libertar. É fazer a libertação e levar para áreas melhores, então começa-se pelas áreas de risco e, depois, leva-se para áreas boas. O MCP, que estava nessa luta, também chegou e hoje, aqui já existe um núcleo dos conselhos populares. O MCP, na verdade, ele 'uniabarca' pessoas de várias tendências políticas, pessoas de várias religiões, é um movimento abrangente. Porém, se faz necessário que se respeite os princípios do MCP, pois algumas questões são mais necessárias como é o caso da questão da moradia. Quanto ao apoio de políticos em se tratando de MCP, a priori, o movimento não tem nenhuma ligação política, nem deve ter. Já a pastoral do Solo Urbano tem o compromisso com a fé, com Jesus Cristo. Agora é papel dos políticos ajudarem, eles existem para trabalhar para o povo. Quando se tem um acontecimento desses, se necessita fazer uma audiência pública na Assembléia Legislativa, na Câmara dos Vereadores, reuniões como se teve aqui com a Direção do DNIT (órgão do governo federal), que queria dar um óbito nesse terreno, nós descobrimos depois que esse terreno, na verdade, pertencia à Secretaria do Patrimônio da União (SPU). Então, foi necessário ativar a Comissão de Direitos Humanos, que fica na Assembléia, que tem como presidente a Deputada Íris Tavares. Como o terreno pertencia a União, se fez necessário agendar reuniões em Brasília por isso teve-se que se fazer contato com um deputado em Brasília, no caso o Dep. João Alfredo, que fazia parte do PT (Partido dos Trabalhadores), porém, poderia ser outro deputado desde que este sintonizasse com a nossa luta. E vários deputados colocaram-se a disposição da nossa causa. Inácio Arruda (PCdoB), Manoel Castro (---), a própria deputada Íris Tavares (PT), e toda a bancada do PT. Enfim, é uma obrigação deles, mas não significa que estejamos com vínculo político - eleitoral ou político eleitoral. Aqui, cada um é livre para votar em quem quiser. (PAMCECG)

Nessa segunda parte o PAMCECG faz questão de mostrar todas as dificuldades que essa comunidade passou, e ainda enfrenta para sobreviver. Percebe-se que, inicialmente, os participantes da comunidade "Ernesto Che Guevara" contaram com a ajuda de vários políticos.



Entretanto, deixa claro que não possuem nenhuma obrigação eleitoral para com nenhum deles. Esse fato descreve o caráter de movimento social que a comunidade possui, pois seu cunho social e político, não pode ser confundido com partidário, são muito diferentes. É o que deixa claro o próprio presidente da Associação de moradores enfatizando a livre escolha partidária de qualquer morador que reside na comunidade.

Outro aspecto que pode ser observado é o forte vínculo com as pastorais da Igreja, a principal delas é a Pastoral do Solo Urbano, da qual fazem parte alguns membros da Associação de Moradores. O que é mais um ponto de caracterização do movimento pró-moradia; o de estar intimamente ligado às obras da Igreja.

Ressalta ainda a ligação com o MCP, que contribuiu mesmo que, indiretamente, para a fundação da comunidade, já que deste e outros ex - membros militantes do movimento, estiveram envolvidos no levante inicial da “Che Guevara”. Tanto que afirma existir um núcleo de estudo do MCP na comunidade. Tal núcleo chegou a promover reuniões mesmo esporádicas, que tinham por objetivo formar pessoas conhecedoras da causa e da origem do Movimento Socialista.

Enfim, nos relatos do presidente da associação dos moradores da comunidade “Che Guevara” percebe-se a existência de todas as características que Gohn (1997, p.252) descreve para a consolidação de um movimento social, “bases demantadárias, assessores e lideranças, e tem estreitas relações com uma série de outras entidades sócias – político, como partidos e facções políticas – legais ou clandestinas - Igrejas, sindicatos, Ongs – nacionais e internacionais” - enfim, qualquer setor que tenha um interesse comum. No caso, aqui, o interesse maior é a causa habitacional.

### **3.3 Os Problemas da Comunidade**

Como qualquer outra comunidade institucionalizada, que partiu dos movimentos sociais, a comunidade “Ernesto Che Guevara” também não está livre dos problemas, sejam eles referentes à infra-estrutura habitacional, como também outros que vão surgindo ao longo de sua

organização. Na entrevista com o seu presidente, são mostrados que os problemas da comunidade, vão, desde a falta de água, de infra-estrutura, até a falta de instrução, de educação. A carência dos moradores é notória, descrita.

O processo de construção de uma comunidade nunca está completo. No nosso caso, o principal problema atualmente é a regularização da terra, que ainda não está concluída. A negociação está se dando entre a habitafor e a SPU. Só depois de concluída essa negociação, é que a Prefeitura de Fortaleza poderá financiar a melhoria das casas através do projeto casa bela, que só poderá acontecer depois de concluir o processo da posse da terra. Já temos a luz regularizada, mas espera-se a Cagece para legalizar também a água, porque ainda temos o problema da falta de água. Temos que construir a sede da Associação de moradores, que por enquanto, só tem o terreno, registrar de fato a nossa Associação. Quem sabe, futuramente a construção de uma biblioteca. Tem a geração de renda da comunidade. E projetos que venham melhorar a comunidade. Em termos de educação, ver creches para as crianças, enfim, ter uma Associação que acompanhe a vida dos moradores da Comunidade [...] (PAMCECG)

Atualmente, não existe um acompanhamento da comunidade por nenhum órgão institucional e nem social, o que torna ainda mais grave a falta de soluções para os problemas existentes. Tudo está vinculado à regularização da terra. A prefeitura não libera verba nenhuma, o governo do Estado ignora a comunidade e o poder público, de uma maneira geral, se abstém de qualquer responsabilidade perante os moradores. Na realidade, o Estado é, mais uma vez, alheio aos problemas dos cidadãos que habitam à comunidade “Ernesto Che Guevara”, em uma comprovação real do descaso das autoridades brasileiras para com as comunidades carentes, fato tão denunciado pelos organismos nacionais e internacionais de direitos humanos.

A comunidade, desde os primeiros sinais de sua existência, procura levar as decisões para as Assembléias Gerais, com a participação de todos os moradores da ocupação. A primeira Assembléia data de 02 de Novembro de 2004 (Livro de atas das reuniões), que, para os moradores, se tornou a data de fundação da comunidade. É nesses encontros que os membros da associação procuram informar aos moradores o que se passa na comunidade. “Tais Assembléias eram realizadas *todos os dias*, no começo da organização do movimento. Como a repressão era muito grande, se fazia necessário um maior empenho por parte dos moradores. À medida que a comunidade foi enraizando-se, foi mantendo a resistência, permanecendo as assembléias, mas aumentando o intervalo, passaram a ser *toda terça-feira, quinta-feira e sábado*. Depois, passou a



ser realizada *aos sábados e domingos*. Depois, *somente aos sábados*. E, por fim, é realizada *aos sábados, porém quinzenalmente*". (ASSOCIAÇÃO DE MORADORES... 2005 (grifo nosso)).

É bem verdade que existe certa acomodação por parte dos moradores, dado o tempo em que estes já se encontram no terreno. É comum ouvir nas conversas informais com os moradores: "esse terreno aqui já está ganho", porém, é importante ressaltar que as lideranças têm razão ao chamar a atenção para este fato, mostrando que essa acomodação não é benéfica, visto que o terreno somente poderá ser considerado como ganho, de fato, quando a posse definitiva estiver com cada morador.

Além das assembléias, onde participam todos os moradores da comunidade, existe uma outra forma de debate e tomada de decisões: a reunião da coordenação ou reunião da liderança da comunidade. Claro, que como foi dito anteriormente, as assembléias são soberanas, mas é na reunião de coordenação que são decididas as pautas das assembléias, as últimas ou próximas reivindicações, bem como os encaminhamentos a serem seguidos. É na reunião da coordenação que se estabelecem as articulações a serem feitas para o prosseguimento pró - moradia. Tal coordenação é composta por doze pessoas que residem na própria comunidade, e que partilham do mesmo sentimento de todos os demais moradores, o sentimento de justiça social por meio de uma moradia digna.

Entretanto, não apenas as moradias dignas se fazem necessárias para atender às necessidades básicas de uma população e muito menos de uma comunidade. Na Sociedade Contemporânea, mais do que nunca, o acesso à informação também deve ser percebido como mais uma necessidade básica do cidadão.

## 4 REFLEXÕES SOBRE AS NECESSIDADES DE INFORMAÇÃO

### 4.1 Discutindo o conceito de informação

Desde que os homens existem e falam, cada um naturalmente desenvolveu a necessidade de dizer aos outros o que sabe e o que pensa, e de conhecer o que sabem os outros. Nos primeiros agrupamentos humanos, essa necessidade constituía uma condição de existência e nela percebem-se os vestígios iniciais da necessidade de informação. Nas eras primitivas, a informação dizia respeito aos deslocamentos com vistas à caça, à pesca, e, depois ao monitoramento dos inimigos. Feita a princípio por sinalização nos lugares altos, logo em seguida por sons, depois por mensagens verbais, finalmente, por mensagens escritas, a transmissão das notícias não cessou de aperfeiçoar-se. A partir daí, a informação estava presente no cotidiano das pessoas e das organizações de uma maneira geral.

Tal processo de aperfeiçoamento vai ao encontro do que Fernand Torrou (1964, p.7) denomina de “em - formação (enformação), sendo a enformação feita em vista de uma informação.” Ou seja, está em constante formação, desenvolvendo ocasionando mais e mais informações. Foi esta uma das primeiras definições descritas acerca do termo informação e seus objetivos.

A partir da explosão da informação, logo depois da segunda guerra mundial, as reflexões em torno do tema informação se expandiram travando-se várias discussões acerca do que é informação e qual sua relevância em nossa sociedade. Com o advento acirrado das chamadas novas tecnologias da informação e da comunicação, que trouxeram outras possibilidades, a informação tornou-se um dos paradigmas de grande repercussão na sociedade contemporânea.

Informação é, antes de tudo, um conhecimento adquirido que pode gerar um outro conhecimento o que a torna útil. Entendida dessa forma, a informação somente poderá ser descrita como eficiente se atingir o seu objetivo, seja ele qual for, de difusão, de seleção, de disseminação, enfim, seu entendimento. Para que haja esse entendimento, muitas áreas tomam



para si a responsabilidade de trabalhar com a informação tentando sempre atribuir conceitos que estejam ligados a suas atividades.

Cada área tem seu respectivo objeto de estudo, e por isso, tenta explicar de que maneira a informação pode lhe ser atribuída. Como a Arquivologia, por exemplo, que diz que informação é a “Noção, Idéia ou mensagem contida num documento”.(ASSOCIAÇÃO DE ARQUIVOLOGIA... 1989 p.46) Ou ainda na área de Processamento de dados, na qual informação é percebida como “o resultado do processo de dados obtido por meio de algum tipo de cálculo ou regra de comportamento, que constitui a saída do trabalho de computação” (ROBREDO, 2003, p.2). Cada um destes conceitos, naturalmente permeia o seu foco de estudo, no primeiro, o documento em si, concreto objeto de trabalho dos arquivistas. O segundo, conceito enaltece o termo está ligado ao ‘dado’.

Trabalhando com os sistemas gerenciais informacionais e estabelecendo a diferença entre dado e informação, Oliveira (1997 *apud* ROBREDO, 2003, p. 34) afirma que o “Dado é qualquer elemento identificado em sua forma bruta que, por si só, não conduz a uma compreensão de determinado fato ou situação. Informação é o dado trabalhado que permite (...) tomar decisões” o que torna mais importante ainda o fato de existir um dado e posteriormente a informação.

Tomando por base a teoria da informação, Le Coadic (2004, p.4) afirma: “A informação é então uma medida da organização de um sistema: medida da organização de uma mensagem em caso (Shanon, Weaver), medida da organização de um ser vivo no outro caso (Von Bertalanffy).” Nesse conceito, está embutido pois, um resumo do que trata as discussões acerca do que é informação, que vão desde o processo de comunicação, em si, até as várias concepções que profissionais como analistas de sistemas, comunicadores sociais e bibliotecários vivem a debater no âmbito de suas áreas.

As reflexões aqui apresentadas mostram que o termo informação trás consigo diversas correntes que tentam explicar o seu significado, inclusive, também analisando o seu objetivo. Le Coadic (2004, p.5) chama atenção para este fato ao afirmar que “o objetivo da informação permanece sendo a apreensão de sentidos ou seres em sua significação, ou seja, continua sendo o conhecimento; e o meio é a transmissão do suporte, da estrutura”. Este conceito caracteriza um

meio que existia, mas que tomou um caracter centralizado e reconhecido como tal na Sociedade da Informação<sup>3</sup>, onde se necessita constantemente de mais e mais informações precisas e rápidas e que estão registradas nos mais diversos suportes. Corroborando, Miranda (2003, p.49) diz que:

A idéia de uma Sociedade da Informação ou do Conhecimento, ou ainda, da Educação – não importa como queiramos rotulá-la – é um conceito antigo e constantemente renovado no desenvolvimento da humanidade, desde aqueles que pretendiam fazer a sùmula dos conhecimentos na coleção da Biblioteca de Alexandria, passando pelos ardores e mentores do renascimento e pela criação de universidades no fim da Idade Média, continuando no ideal democratizantes e racionalistas dos Enciclopedistas até a chegada da Internet e da WEB.

Tal conceito trás um outro ponto de bastante reflexão, que é a maneira como a informação chegou ao seu apogeu, ao fato de afirmamos hoje que: “quem tem informação tem poder”.

Diante do atual contexto em que vivemos, o da sociedade do conhecimento<sup>4</sup>, é a informação a principal ferramenta para gerir qualquer organização seja ela particular, governamental ou não - governamental, que queira estar inserida no mercado competitivo. Como afirma Weitzen (1991, p. 8) “os empresários devem encarar as informações como um recurso de valor igual ao capital, ao pessoal e aos equipamentos, pois é preciso dinheiro para adquiri-las, processá-las, armazená-las, distribuí-las e protegê-las”. Ou seja, a informação hoje é percebida como um produto que beneficia as empresas voltadas para o crescimento e a competitividade.

Porém, a questão informacional não atinge somente as empresas, mas, também o cotidiano das pessoas, que cada vez mais estão em busca da mais rápida e eficiente informação para tornar o seu dia - a - dia mais prático, mais proveitoso. Buscando sempre tecnologias que facilitem a sua vida. “As técnicas hoje usadas para agilizar o fluxo de informações incluem os computadores, os telefones, os satélites e a televisão” (WEITZEN, 1991, p.9), mas sem esquecer as redes de coletividades.

<sup>3</sup> Termo utilizado para melhor conceituar a atual sociedade em que vivemos, onde a informação é caracterizada como primordial para o processo de comunicação.

<sup>4</sup> Aqui funciona como outra forma de caracterizar a sociedade da informação.



Foi possível notar através das conquistas na transmissão digital e nas fibras óticas, que deram origem às redes de telecomunicações que incluem a voz e a imagem na mensagem transmitida. Os progressos de montagem nas tecnologias magnéticas e óticas de armazenagem de dados que possibilitaram o enfrentamento de questões que pareciam fora do alcance do homem, afetando profundamente o seu comportamento político, social, cultural e econômico.

Reafirmando, pois, uma poderosa ferramenta que veio para revolucionar este comportamento, a Internet. Responsável pela chamada “globalização em rede”, onde milhões de pessoas estão conectadas ao mesmo tempo em diversas partes do mundo, através de um simples computador, o que a caracteriza como sendo a grande conquista da tecnologia da comunicação e informação que mudou a vida das pessoas.

No entanto, com o advento da Internet não surgiram somente melhorias mas, também os problemas. Cabe aqui fazermos uma reflexão acerca da acessibilidade da rede e na rede.

#### **4.2 Informação para a Comunidade**

O termo comunidade está sendo usado como uma avalanche no nosso contexto. Existem comunidades de todos os tipos, raças e idiomas, atualmente, tanto no plano real em nossa sociedade como no plano virtual no Ciberespaço, na Internet. No entanto, a discrepância entre os dois meios é enorme. As comunidades sociais lutam por sua hegemonia e sobrevivência e pelo bem comum, mantendo-se unidas perante qualquer obstáculo, já as comunidades virtuais até pelo fato de seus membros não estarem presentes face a face, tendem a se dividir ou até se dissolver com o passar do tempo. Porém a troca de informações sejam elas úteis ou não, por membros das comunidades virtuais é enorme. As pessoas se comunicam e se informam quase que instantaneamente, com o mundo inteiro.

Nas comunidades do mundo real, principalmente as comunidades oriundas de lutas de classe, muitas vezes somente possuem de semelhança o fato de estarem unidas pelo mesmo

conceito. Entretanto, não conseguem sequer uma infra-estrutura de vida humana, são carentes de educação, de saúde, de saneamento básico, e todos os requisitos para uma vida saudável

Os serviços de informação comunitária foram implementados, principalmente na década de 70 do século passado em vários países, destacando-se a Inglaterra, a Dinamarca e Suécia, na América Latina se destaca a Venezuela que possui o serviço de informação mais desenvolvido.

De acordo com a LIBRARY ASSOCIATION (1980 *apud* SUAIDEN, 1995, p.70) os serviços de informação voltados às comunidades servem:

[...] para resolver problemas, tanto de pessoas como de grupos, centrados nos temas mais importantes e enfrentados diariamente em relação à moradia, ao trabalho, aos direitos e que possam participar em sua solução, tanto os indivíduos como os grupos do contexto social, político e econômico, atribuindo-se então grande importância a que esta informação esteja adaptada às necessidades e possibilidades dos usuários.

Um estudo realizado na Espanha sobre informação comunitária mostra que na busca por eixos temáticos sobre informação local e informação comunitária estão estritamente ligados os serviços de informação e serviços de referências. Mais ainda mostrou que uma análise feita a partir da identificação informação comunitária/ informação local/ informação administrativa/ serviços de informação/ serviços de cidadania ou mesmo somente pelo termo informação chega-se a uma série de bases de dados em linha. Coincidentemente todos da década de 90. E dos anos seguintes. Analisando-se os documentos com mais afinco chegou-se a perceber que existe uma sensível melhora nos serviços de informação local das bibliotecas públicas devido, possivelmente, ao impacto que podem produzir na concretização dos serviços de tecnologia da informação, ou seja, as informações que podem ser relevantes no desenrolar do uso das tecnologias da informação provocam um maior interesse na população. Analisando os termos relacionados ao contexto da informação comunitária, observa-se que a comunidade se interessou por tudo que diz respeito à melhoria de sua qualidade de vida, e que o uso das tecnologias da informação também podem contribuir para tal feito.

A comunidade “Ernesto Che Guevara” nasceu dos anseios do povo por uma moradia digna, e têm em suas raízes ideais do movimento popular, dos movimentos sociais, que geralmente obedecem às seguintes fases para que tenha o seu objetivo alcançado como inclusive



já foram citadas no contexto deste trabalho: organização elementar do movimento, transformação das demandas em reivindicações, formulação de estratégias, práticas coletivas de assembleias, encaminhamento das reivindicações e entre eles a prática de difusão do movimento que inclui jornais, conferências, representações teatrais etc., sem esquecer outro ponto, a necessidade do acesso direto a informações que pudessem contribuir para aprimorar suas capacidades e também como ferramenta de conscientização.

Podemos notar que existe uma preocupação por parte do movimento social de consolidar seus ideais, e parte importante disso é a difusão das ações do grupo, sejam elas da maneira que lhes seja usual, mas com tanto que essa difusão exista. Antigamente, na comunidade, essa prática se fazia por meio das assembleias.

No entanto, em Assembleia datada de 23 de setembro de 2006 (Livro de registro de atas das reuniões), compareceram somente 06 moradores para a reunião quinzenal. Um fato que caracteriza uma acomodação por parte de seus moradores para o não comparecimento às reuniões o que preocupa o seu presidente, haja vista que para se manterem na terra eles têm que se manterem unidos para o fortalecimento da ocupação. Pois, é nas assembleias que reafirmam suas propostas e reivindicações e logo se mantêm informados do que está acontecendo com a ocupação e com seus moradores, são informações gerais.

Claro que não é possível que se estabeleça aqui que a comunidade precisa urgente de computadores, de Internet e de mais uma porção de ferramentas de última geração que possibilitasse o acesso à informação de uma maneira rápida e eficiente, isso seria uma discrepância enorme com a realidade da maioria dos moradores, que sequer têm o que comer e o que vestir.

No Brasil, a desigualdade social é muito grande e se deve principalmente pela falta de informação da maioria dos indivíduos, por isso devemos levar em consideração que:

As pessoas, na verdade, jamais recebem informação. Criam informação a partir de suas próprias leituras, relação com os dados e contexto que criam para eles, ou recebem uma apresentação sob a forma de um livro, memorando, relatório, CD-ROM, ou qualquer outro tipo de veículo fornecido pela leitura de uma terceira pessoa. (MCGEE, 1994, p.23-24)

Por isso, é preciso que se estabeleça uma conscientização por parte dos moradores para que se tendo acesso aos suportes ou a outros meios estipulados por eles mesmos, exista de fato uma informação necessária para a comunidade na resolução de seus problemas, não só futuramente com uma possível estrutura física construída, mas com a real adaptação das pessoas.

Começando um estudo profundo da comunidade, pondo em metas todas as possíveis obras que poderiam beneficiar a comunidade e conscientizando a população, logo chegariam às informações qualitativas para a comunidade. Informações seletivas, selecionadas que interessariam à comunidade, como informações jurídicas, informações culturais, informações educacionais.

Emir Suaiden (1995, p.95) pontua as informações que geralmente são solicitadas por comunidades:

- 1) Urgências: bombeiros, polícia, hospitais, farmácias de plantão etc.;
- 2) Assistência sanitária: hospitais, clínicas, centros de saúde, postos de vacinação etc.;
- 3) Assistência social: a menores, idosos, mulheres etc.;
- 4) Assistência legal: juizados, tribunais, prisões, serviços de assistência jurídica etc.;
- 5) Emprego: obtenção de emprego, oficinas, estabilidade e flutuação no emprego, direitos e obrigações do trabalhador, concursos etc.;
- 6) Serviço público: água, luz, gás, telefone, transportes etc.;
- 7) Atividades culturais: museus, bibliotecas, galerias de arte, centros de convenções e exposições, monumentos históricos, concertos, teatros, cinemas, televisão etc.;
- 8) Organismos oficiais: Presidência da República, Congresso, ministérios, administração estadual, municipal etc.;
- 9) Organizações: desportivas, culturais, sindicais, regionais etc.;



- 10) Calendário de acontecimentos: espetáculos, congressos, jogos etc.;
- 11) Personalidades nacionais: pintores, escritores, escultores, músicos, políticos etc.;
- 12) Informação educativa: onde estudar, bolsa de estudo, instituições educativas e científicas etc.;
- 13) Trâmites e procedimentos: requisitos para obter a carteira de identidade, passaporte, certificado militar, registro civil de nascimento etc.;
- 14) Acontecimentos relevantes tanto nacionais como internacionais.

Essas informações dependem do grau de desenvolvimento de cada comunidade. O costume que cada uma pode criar na busca dessas informações. O importante é a disponibilidade e acesso a essas informações que no referente à comunidade “Ernesto Che Guevara” serão o maior foco de estudo para que se comprove se existem tais informações e se realmente estão atingindo o seu objetivo, o de informar ao cidadão. Acrescentando ao pensamento de Pinheiro (2000, p.21) que diz: “a informação pode ser acrescentada como mais um instrumento na construção de uma sociedade democrática, pois seu valor estratégico a torna imprescindível nesse processo”.

Corroborando também com o pensamento de Suaiden (1995, p.68) se referindo à democratização da informação, que diz “que todas as pessoas têm o direito de receber a informação que precisa, independentemente de seu lugar de residência ou outros fatores”. Mais ainda indo ao encontro de Araujo (1999, p155), que diz que “a informação deve ser vista como um bem coletivo como qualquer outro sendo tão importante como o acesso à educação, a saúde, à moradia, à justiça e tantos outros direitos do cidadão”.

## 5 PARA ALÉM DO APORTE TEÓRICO

A pesquisa caracteriza-se como um estudo exploratório, no qual pretendemos aprofundar nossos conhecimentos a respeito do tema em questão a fim de compreender melhor o conceito tratado neste trabalho.

Trata-se de um estudo de caso, aqui, a comunidade “Ernesto Che Guevara”, onde se objetiva explorar os aspectos relevantes acerca do tema informação. O caminho metodológico da nossa pesquisa propõe analisar se a informação a ser adquirida, nos diversos meios nos quais se encontra, contribui ou não para o processo de desenvolvimento, bem como a melhoria na qualidade de vida dos moradores da comunidade estudada.

Cabe, aqui, discorrermos um pouco sobre a crise que se instaurou na delimitação dessa pesquisa, pois a problemática social é muito pertinente, por tal motivo, os métodos e técnicas utilizados foram fundamentais, cada um com sua contribuição na investigação, na nossa opção de abordagem qualitativa.

Como instrumento de coleta de dados, optamos pela observação e a entrevista semi-estruturada. Antes de qualquer coisa, é preciso dizer que esta pesquisa se constitui em uma profunda observação da comunidade. Pois foi, um laboratório, uma convivência diária com todos os problemas existentes na comunidade principalmente no que diz respeito à informação. No livro métodos e técnicas de pesquisa social, Antônio Carlos Gil (1999, p.113) argumenta que “a observação participante consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada”. O que corrobora com a decisão pelo estudo da comunidade “Ernesto Che Guevara” que tem muito a ver com uma maneira de tentar ajudar na solução dos diversos problemas sentidos pelos moradores.

Para tanto se faz necessário explorar todos os aspectos que a comunidade apresenta para assim fazermos uma análise mais intensa dos problemas da “Che Guevara”, o que caracteriza uma abordagem qualitativa. Essa abordagem nos permite uma maior diversificação de técnicas e métodos para a investigação. O que se faz necessário na nossa pesquisa, pois se trata do uso



freqüente da observação, no caso aqui a participante. A análise é feita por diversos ângulos, várias interpretações dos observados, apoiando se na técnica da entrevista individual semi-estruturada.

Para Gil (1999, p.118) esse tipo de entrevista traz como vantagem principal, a possibilidade de “obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social, trata-se de uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano e os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação”.

É através da entrevista semi – estruturada que podemos obter os dados necessários para um maior questionamento posterior. Pois cada morador entrevistado trará enraizada sua interpretação acerca do que é informação, bem como quais as necessidades que cada um tem e de quais informações precisariam mais e ainda que fontes os moradores poderiam estabelecer para conseguir tais informações. Assim, nossa intenção foi deixar cada morador bem à vontade para propor a mudança necessária para a comunidade. No entanto deixando claro o valor da comunicação entre duas pessoas, o valor da palavra, que enaltece o papel da entrevista como o encontro entre dois, ou mais sujeitos que estão compartilhando conhecimento.

Porém, por tratar-se de uma comunidade de aproximadamente 800 famílias, tivemos que delimitar a amostragem da nossa pesquisa, ou seja, a quantidade de pessoas entrevistadas e que poderia ser representativa da comunidade.

Como estamos analisando a comunidade em uma abordagem qualitativa, o tipo de amostra adequada a nossa pesquisa é a amostra por acessibilidade ou por conveniência, pois é a que se enquadra no perfil de nossa pesquisa, por não requerer um elevado nível de precisão. Então, definimos uma amostra de 08 famílias para efetivarmos nossas entrevistas escolhendo uma pessoa que representasse cada família.

As entrevistas foram gravadas em fitas cassetes para depois serem transcritas a fim de que as respostas pudessem ser analisadas e interpretadas. Nosso roteiro teve como base as categorias de informações comunitárias mais pesquisadas propostas por Suaiden (1995, p.95) e apresentadas no capítulo 3 (três), sessão 3.2 e que vêm ao encontro de nossos problemas de pesquisa. Lembrando que, por se tratar de uma entrevista semi – estruturada, nosso diálogo foi se ajustando

à medida que era necessário. Esclarecemos ainda que durante as entrevistas, estivemos atentos observando a forma como as pessoas se expressavam sobre os temas demandados, tendo o cuidado para que nossas conversas não fossem dispersas em razão de outros assuntos de interesse dos participantes.

## **6 TRATAMENTO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A partir dos dados obtidos nas entrevistas e nas observações, o passo seguinte foi ordená-los em categorias levando em consideração nossos objetivos e questões problemas. Visando a manter a individualidade dos participantes, decidimos utilizar a letra “M” (correspondendo a morador) seguida pelos números inteiros. Esta tomada de decisão proporcionou o estabelecimento de seis categorias de análises, quais sejam: Grau de escolaridade, consciência dos moradores em relação ao acesso a informação para a satisfação de suas necessidades, contribuição das assembleias para o acesso às informações, tipos de informações demandadas para o exercício da cidadania, fontes e canais de informações utilizadas pela comunidade e acesso satisfatório às informações que os moradores têm necessidade.

### **6.1 Grau de escolaridade**

Em nossa entrevista, buscamos conhecer o grau de escolaridade dos participantes a fim de saber qual era o entendimento que eles possuíam sobre informação, pois, acreditamos que o grau de escolaridade certamente influencia tanto na compreensão de nossas perguntas, quanto no aprofundamento das respostas. Além, do mais tínhamos um pressuposto de que os moradores de comunidades carentes teriam pouco grau de instrução formal. Contrariamente ao nosso pressuposto, detectamos que o grau de escolaridade da maioria dos participantes é o ensino médio (50%), seguido de ensino fundamental (25%), superior completo (12,5%) e incompleto (12,5%), o que nos dá uma diversificação de ensino e aprendizagem e nos leva a diversas opiniões e interpretações. A primeira é de que embora tenhamos escolhido as pessoas a serem entrevistadas,



por certa conveniência (vizinhança, membros ativos da Associação de Moradores), na realidade ficamos bastante surpresa em saber que em uma comunidade carente como a “Ernesto Che Guevara” habitam pessoas com certo grau de escolaridade, inclusive de nível superior. A segunda contrapõe-se aos pressupostos e preconceitos que rotulam as áreas periféricas da cidade como sendo locais nos quais apenas residem pessoas analfabetas e desmobilizadas ou despolitizadas. Isso nos leva a questionar que o perfil dos movimentos sociais das novas comunidades, com relação à ocupação de espaços geográficos para a construção de moradias, sofreu uma mudança de paradigma, uma vez que as comunidades que lideram esses movimentos atualmente estão com maior grau de instrução, contemplando inclusive nível superior e alto grau de mobilização e politização.

Com relação aos participantes que possuíam apenas o ensino fundamental, tivemos certas dificuldades na compreensão das perguntas feitas, o que ocasionou um nível baixo de aproveitamento das respostas. O que nos leva a crer que existe uma deficiência no nível de interpretação daquelas pessoas que não conseguiram concluir nem o ensino médio quiçá uma faculdade.

## **6.2 Consciência dos moradores em relação à informação visando à satisfação de suas necessidades**

Nessa categoria, se estabelece o principal problema da nossa pesquisa, ou seja, buscou-se identificar o nível de compreensão que os participantes possuíam sobre informação como um elemento-chave para a identificação de suas necessidades e sua influência na tomada de consciência dos sujeitos sociais de que, esta informação pode ser fundamental para as tomadas de decisões de qualquer espécie.

Do total de entrevistados, 62,5% demonstraram ter consciência sobre a informação visando à satisfação de suas necessidades, conforme pode ser observado nas falas a seguir:

Nós precisamos de todas as informações legais. (M1);

Estou. Estou sendo informada. Muito bem informada, de como está a situação do terreno... Informação para mim é coisa que tá acontecendo na comunidade, informação sobre o terreno, sobre coisas que tá acontecendo na comunidade.(M6).

Necessidade de informação é você ficar sabendo de tudo o que se passa na comunidade e você sabendo pode transmitir para outras pessoas que moram na mesma comunidade e assim as notícias se espalha e as coisas chegam mais rápidas.(M8)

As respostas aqui apresentadas vêm de encontro aos nossos pressupostos de que, como qualquer outra comunidade que se estrutura através de ocupação ou outra forma de moradia, os moradores da “Che Guevara” não teriam consciência sobre o acesso à informações para a satisfação de suas necessidades. Ao contrário, essas afirmações mostram que, a questão informacional não atinge somente as empresas, mas, também o cotidiano das pessoas, fato demonstrado nos estudos de WEITZEN (1991).

Por outro lado, 37,5% dos participantes não tinham consciência em relação à informação para satisfazer suas necessidades. Veja as passagens.

É quando eu necessito, saber algo né, que alguém me repasse [...] (M5)

Eu não saberia te informar, sinceramente eu fico igual a cego em tiroteio por que eu não sei te informar [...] (M3)

Estas afirmações podem ser decorrentes, de um lado pela falta de compreensão sobre os questionamentos feitos pelo entrevistador e, por outro lado, pelo real desconhecimento de que a informação estruturada é um elemento fundamental para que o cidadão tenha conhecimento de seus direitos e deveres reiterando, assim, o pensamento de Araujo (1999) ao defender o acesso à informação como um bem coletivo. Além do mais, não podemos esquecer que embora os sujeitos tenham expressado a falta de conhecimento do papel que a informação desempenha em suas vidas, na realidade cada sujeito da comunidade estrutura suas estratégias de buscas de informação



que possam ajudar a esclarecer suas dúvidas. É importante atentar que, essas respostas também podem ser o resultado de má compreensão de nossas perguntas no momento da entrevista.

### 6.3 Contribuição das assembléias para o acesso à informação

Partindo do pressuposto de que nas comunidades carentes o principal meio de comunicação são as reuniões das assembléias, questionamos junto aos entrevistados qual seria a contribuição dessas assembléias para o acesso a informação. Do total de participantes, somente 30% mencionaram que realmente existe o repasse de informações, o que pode ser observado nas falas a seguir:

Sim, todo mundo tá informado por que de quinze em quinze dias tem reunião sobre o terreno, sobre os benefícios que tão tentando trazer para cá e muitas outras coisas eles estão planejando... Elas estão sendo realizadas em quinze em quinze dias nos horários de 03h. Da tarde e às 04 h. da tarde. (M1)

Sim, a gente tem a reunião toda quinzena de mês, nós temos a reunião para informar. Eu espero que as Assembléias retornem para poder informar a gente do que tá acontecendo, o que a gente precisa agente já sabe. (M5)

As falas aqui apresentadas reforçam nosso pressuposto e vem ratificar a proposta de Gohn (1997) de que nos movimentos sociais as assembléias possibilitam as práticas de difusão entre os moradores e despertam neles a consciência da necessidade de participação das mesmas para manterem-se informados. Por outro lado, ficou evidente que o horário das assembléias é responsável pelo não comparecimento de alguns moradores: “[...] tem uma grande dificuldade, por questão dos horários, né. Porque eu trabalho, aí no dia que tem (*reunião*), eu não estou podendo assistir, aí eu fico por fora do que está acontecendo”. Este problema poderia ser resolvido se, de fato, existisse um serviço de informação utilitária para a comunidade, como um jornal, uma rádio comunitária por exemplo, pois assim, os moradores que não pudessem freqüentar as assembléias passariam a receber informações através de outros meios.

Também ficou patente na fala de um dos entrevistados - que é membro da diretoria da Associação - que as reuniões das assembléias servem para informar os moradores sobre o que se passa na comunidade, fato que pode ser observado na fala a seguir: [...] informados eles estão, por que agente tem reunião de quinze em quinze dias, mas vai muito pouca gente e fica menos informado do que está acontecendo. (M6). A diretoria afirma, ainda que, a causa da desinformação é o número pequeno de participante nas reuniões o que acarreta a busca de informação em outros momentos:

[...] a maioria chega aqui atrás de saber das coisas por que não participa das reuniões, não participa então de quinze em quinze dias nós temos a nossa reunião para assinar o livro de atas e vão pouquíssimas se vai dez (*pessoas*) vai muito. (M6)

Embora nem todos os entrevistados tenham respondido afirmativamente sobre a importância da informação, as falas aqui expostas mostram que, na realidade, de uma forma ou de outra os moradores da comunidade “Ernesto Che Guevara” possuem certa consciência do papel das assembléias como de fundamental importância para facilitar o acesso a informações.

#### **6.4 Tipos de informações demandadas para o exercício da cidadania**

Neste tópico, nosso interesse foi verificar o nível de conhecimentos que os moradores possuíam sobre informações úteis para o exercício da cidadania. Para isso, seguindo mais uma vez a proposta de informações estabelecida por Suaiden (1995), dividimos em três tipos de informações que poderiam beneficiar a comunidade, quais sejam: informações jurídicas, informações educacionais e informações em saúde.



#### 6.4.1 Informações jurídicas:

Como o grande problema da comunidade é a legalização fundiária, todos os entrevistados foram unânimes em citar as informações jurídicas como sendo primordiais para o seu benefício. Em suas falas, eles alegaram querer saber como o Patrimônio da União está procedendo com relação à regularização do terreno para que os moradores possam ter o documento definitivo da posse da terra.

Nós temos um advogado que é o Dr. Igor que nos acompanha desde o início e sabemos temos que correr atrás do SPU que é a Secretaria do Patrimônio da União para ver se eles resolvem desapropriar logo a terra. [...] nós precisamos de todas as informações legais. (M2)

[..] temos que procurar o Patrimônio da União primeiro para a regularização da terra que é a SPU...(M6)

Os problemas internos que ocorreram na comunidade, como a invasão dos terrenos já ocupados por outros moradores também fez com que a busca por informações jurídicas seja bastante requisitada pelos moradores que vão à tentativa de solucionar os problemas relacionados com o seu terreno. Portanto, mais uma vez a enunciação dos participantes remete às categorias de Suaiden (1995) apresentadas ao longo deste trabalho, ficando evidente que as comunidades carentes precisam de informações para atender suas necessidades básicas, como por exemplo, moradia.

#### 6.4.2 Informações Educacionais:

Nossas observações empíricas, a respeito da existência de várias crianças na comunidade, nos fizeram refletir sobre como elas fazem para ter acesso à escola e também outros meios que favoreçam o ensino e a aprendizagem, pois, sabemos que a informação é fundamental

neste contexto. Dos entrevistados 97% citaram o problema da falta de escolas próximas para as crianças da comunidade. Assim eles se expressaram:

A gente percebe que tem muita criança aqui dentro. Não temos escolas, nem creches. [...] A gente se preocupa porque essa criança é o futuro da comunidade. A gente se preocupa, porque não tem esse acompanhamento educacional. (M4)

As creches que a gente não tem, as escolas que a gente não tem [...] as escolas são muito longe daqui [...] (M6).

No meu ponto de vista a dificuldade é a educação para as crianças que não tem escola próxima (M3)

Na realidade, o que se observa nestas falas é o desconhecimento ou a falta de informação sobre o direito à educação o qual está previsto no artigo 205 da Constituição Brasileira que estabelece a Educação como direito de todos e dever do Estado e da família.

Também foi citado o trabalho realizado por alguns voluntários da comunidade que se organizou em um grupo para ensinar as tarefas das crianças que estudavam fora da comunidade e traziam suas atividades para os que participantes do grupo pudessem. Orientá-los. Porém essas atividades não foram continuadas e o grupo acabou por findar-se.

Tinha uma senhora ai que fazia parte da Pastoral da Criança que andava dando umas aulas. Mas, parece que não deu certo [...] (M4)

#### **6.4.3 Informações em saúde:**

Devido à falta de saneamento básico, a falta de urbanização e, a priori, do sistema de água regularizado, os problemas com a saúde são os mais graves. Pois, a partir do momento em que o indivíduo não tem boa sua saúde, certamente que se confrontará com outros problemas.



Todos os entrevistados foram unânimes sobre a importância da informação para a saúde, fato que pode ser constatado nas falas a seguir:

Aqui mora uma menina que trabalha lá na Prefeitura e que é agente de saúde. Ela já teve acompanhando algumas famílias aqui, mulheres gestantes, crianças mesmo. Está acompanhando. Inclusive ela até já pediu a diretora dela para trabalhar aqui dentro. Já tem também agente sanitária que já entram aqui dentro, fazem as suas avaliações, suas expedições e para a gente eles dão várias informações. Qualquer coisa suspeita de alguma doença pode dirigir a qualquer um posto que tem o medicamento de acordo com a epidemia que a pessoa sinta. (M4)

Se houvesse esse grupo de pessoas eu poderia até me encaixar. No meu momento vago, explicar também eu tenho que ter a explicação para que eu possa passar para as outras pessoas, a respeito do saneamento por que é difícil por que nós não temos, as pessoas tem que ver que isso aí causa doença! Como tem a hepatite por aí pela água poluída. Então tem que ter uma informação maior para que as pessoas que estejam aqui na comunidade não sofram tanto com problemas de doenças, de doenças de pele em crianças, por que posto de saúde, tá difícil, não tem, é distante e uma porção de outras coisas que estão faltando mais que eu creio que vai dar tudo certo para que tenha um espaço para ser colocado. (M3)

Uma observação percebida nestas falas é o grande papel da informalidade na informação, repassada através da oralidade. Isto pode ser decorrente, inicialmente, da ausência de um local onde as pessoas possam buscar informações a respeito da saúde e por outro, pelo fato de que nestas comunidades ainda existe um grande número de pessoas consideradas analfabetas, ficando evidente a força da informação verbalizada.

A visita dos agentes sanitários na comunidade nos remete a outro fato, o caso da dengue, por exemplo. Trata-se de uma doença bastante presente na cidade de Fortaleza e facilmente transmitida, pois o seu agente transmissor é encontrado em qualquer ambiente que seja propício a sua reprodução. Por isso, esta doença é combatida na comunidade, pois, caso contrário, a doença além de fazer muitas vítimas na comunidade, também seria transmitida para os bairros circunvizinhos. E, independente da “Che Guevara” ter ou não uma assistência médica, a comunidade não poderia ser a responsável por uma possível epidemia. É como se o mal fosse

tratado para que não possa atingir aos demais bairros adjacentes das proximidades da comunidade.

Mais uma vez, se observa a ausência do Estado em relação ao cuidado da saúde de seus moradores, direito também assegurado pela Constituição em seu artigo 5º, Inciso 1º. Então a população vive tanto à margem de moradia, como sujeita à toda espécie de calamidades o que poderia ser resolvido se de fato o que está enunciada em nossa Carta Magna não se restringisse apenas ao papel.

### **6.5 Fontes e canais de informações utilizadas pela comunidade.**

Passaremos a analisar o nível de conhecimento dos moradores em relação a outras fontes e canais que a comunidade possui, além das Assembléias, que poderiam ajudar os moradores na transmissão de informações. O que ficou claro nas falas dos entrevistados, é que as fontes mais conhecidas foram aquelas que têm um relacionamento mais próximo da comunidade na hierarquia do poder público. A prefeitura de Fortaleza, representada pela SER VI, que é a responsável direta pela área onde se localiza a comunidade, foi bastante citada pelos entrevistados:

Pretendo ir a regional tentar localizar alguma coisa pela prefeitura que agente depende da regional e da prefeitura (...) benefícios diretamente da prefeitura ou da regional VI, que é com os representantes da regional vindo analisar com os moradores [...] (M1)

A prefeitura está só esperando o repasse (da terra) para poder dá melhoria mais condições para os moradores que aqui existem. (M2)

Eu creio que a prefeitura, não sei se vai dar um auxílio, uma forma para que a gente pagar, nos beneficiar com algum empréstimo, alguma coisa para a gente poder fazer aquilo que é necessário. (M3)

[...] e principalmente na prefeitura para urbanizar aqui e melhorar a situação da comunidade. (M6)



Todas as falas demonstraram que os moradores conhecem a responsabilidade que a Prefeitura tem no auxílio dos problemas da comunidade. Além de caracterizarem o poder municipal como sendo a fonte primeira de contato dos moradores com o poder público. Entretanto, observa-se em nossas práticas cotidianas que, o problema é que o poder público não se antecipa às necessidades da comunidade e, somente age depois que os problemas já estão instalados nas comunidades

Também os entrevistados declararam conhecer não só a Prefeitura, mas outras fontes de informações que poderiam ajudar na busca de informações que viabilizasse a solução dos problemas da comunidade.

O caso da cagece (*Água*) que a gente tá esperando também estamos aguardando, e a gente já se reuniu para ir lá na cagece e estamos ainda só na espera, e também estamos esperando a situação da iluminação pública, fomos lá na AMC (Autarquia Municipal de Trânsito) e a nossa comunidade está na lista de espera, por que têm outras comunidades na nossa frente, na mesma situação que agente. (M6)

Vamos ter que ver agora essa negociação da Habitafor com o SPU (Secretaria do Patrimônio da União). (M7)

Ir aos órgãos competentes [...] conheço muitos o Patrimônio da união, a regional VI, o Cambeba. (M8)

Nas falas dos entrevistados notamos a diversificação de fontes informacionais, o que nos ajuda a inferir que este conhecimento de vários órgãos demonstra quanto os moradores procuram informações que possam satisfazer a suas necessidades. Não significando, porém que consigam encontrá-las. É por tal fato que estabelecemos a próxima categoria.

Quanto aos canais de informação os moradores buscam solucionar os problemas internos que dizem respeito à disseminação das informações para satisfazer suas necessidades. Propondo outros canais de propagação de tais informações. É o que fica evidente nas falas a seguir:

Eu no meu caso poderia ser um informativo, um jornalzinho, mas também vejo de outro lado que tem muita gente que não sabe ler. Poderia sair alguma pessoa de casa em casa, mas são muitas, né, e ou formar algum grupo para ajudar a esclarecer melhor a pessoa. (M3)

Outro meio, bom uma maneira melhor seria um jornal para passar informações do dia da reunião o que tá acontecendo os fatos que tá acontecendo na comunidade [...]. (M6)

Ao propor canais de difusão das informações utilizadas pela comunidade, nas etapas de consolidação dos movimentos sociais Gohn (1997) descreve o que muitos bairros vêm utilizando atualmente como forma de comunicação comunitária. Práticas como jornal de bairro, rádio comunitária, e até condomínios virtuais (onde se instala um computador de aluguel nas casas que solicitam os serviços da rede e cobra-se um valor a ser revertido para a comunidade e para o avanço do serviço) são rotineiras em comunidades carentes da periferia de Fortaleza. No caso da comunidade “Ernesto Che Guevara” não funciona nenhum serviço deste tipo, os moradores contam somente com os canais de informação cotidiana, passada de pessoa para pessoa.

#### **6.6 Acesso satisfatório das informações que os moradores têm necessidade**

Essa categoria vem ao encontro da categoria anterior onde analisamos o conhecimento de quais fontes e canais os moradores se utilizavam para o acesso à informação que necessitavam, pois nesta categoria visamos analisar se as informações que os moradores da comunidade recebem de tais fontes estão atingindo a satisfação de suas necessidades.

Nas falas dos participantes notamos duas vias de insatisfações com relação às informações recebidas; a primeira delas, é a que diz respeito às informações passadas pelo órgão que é responsável pela regularização da terra à Secretaria do Patrimônio da União (SPU), como podemos observar na fala de um dos entrevistados:



O SPU está nos omitindo, não está repassando a informações, está se escondendo[...] agente precisa muito das informações só que está havendo um equívoco, o pessoal do SPU, não está passando as informações adequadas, eles estão se escondendo, por qual motivo ninguém sabe. (M2)

A outra via de insatisfação é a informação passada pela Associação de moradores da comunidade que não está sendo bem clara ou não está sendo suficiente:

Eu creio que para mim eu precisaria de um esclarecimento maior. E como eu acho que tem muita gente que não tem esse esclarecimento. (M3)

Pouquíssimas informações são passadas por que as pessoas não participam de tudo o que acontece na comunidade.(M8)

Uma outra via que observamos foi a declaração de um entrevistado de desconhecer qualquer informação que diz respeito ao seus direitos, e mais ainda a tentativa da busca dessas informações através da comissão e a afirmação do desconhecimento de onde acessar as tais informações.

Eu sinceramente não conheço os meus direitos, você franca e não sei aonde procurar [...] Eu procuro a comissão para me informar. Por que na realidade mesmo eu não sei como procurar. (M3)

Nas falas cerca de 30% dos entrevistados trazem a marca de alguma forma de insatisfeitos com as informações a que têm acesso. Seja através da Associação ou do SPU, os entrevistados não estão satisfeitos com as informações que são repassadas, ficando assim evidente a necessidade que os moradores têm de um esclarecimento maior, de um acesso a mais informações úteis para a comunidade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as etapas de um movimento social, está a que diz respeito à disseminação das informações que podem ajudar na busca das reivindicações de um movimento. É a etapa onde se procura estabelecer como vimos, no decorrer deste trabalho, a consolidação do movimento social. O canal de disseminação destas informações, na maioria das vezes, são as Assembléias Gerais, canal que faz parte de outro aspecto relacionado às etapas de um movimento social, o aspecto de organização das reivindicações dos manifestantes. Foi neste contexto de acesso a informação, conhecimento de seu papel fundamental para o aprimoramento e exercício da cidadania por meio das fontes e canais informacionais que possibilitem a busca por essas informações viabilizando a prática informacional utilitária, que os problemas decorrentes ao acesso e disseminação da informação na comunidade “Ernesto Che Guevara” foram tratados.

A partir de observações profundas e de afirmações dos moradores, aqui analisadas, sob a luz de nossas questões – problema, o que se conclui deste trabalho é que: primeiro, o perfil dos ocupantes de terra na periferia da cidade de Fortaleza têm passado por uma mudança em um de seus paradigmas, o paradigma do grau de escolaridade dos ocupantes de terra. Tendo em vista que encontramos na Comunidade “Ernesto Che Guevara” moradores que possuem certo grau de escolaridade, inclui-se aqui pessoas de nível superior, o que nos causou uma certa surpresa. Pois partimos de um pressuposto que nessas ocupações só residiam pessoas analfabetas. Segundo, a partir de tal constatação identificamos, por parte daqueles que possuem pouca escolaridade, um nível menor de compreensão e interpretação de nossas perguntas. No entanto essa diferenciação não ficou tão evidente quando da consciência do papel da informação para um exercício cidadão. As falas dos entrevistados mostraram que existe essa conscientização, porém, não significando para os moradores que existe o acesso às informações utilitárias para o exercício da cidadania dos moradores e, menos ainda, que as poucas informações acessadas, a maioria por meio das Assembléias Gerais, sejam suficientes para atingir o grau desejado de informações que viabilizem a solução dos muitos problemas que a comunidade possui.

Terceiro, as informações úteis e necessárias ao exercício da cidadania dos moradores são bastante conhecidas pelos mesmos, bem como os órgãos, onde poderiam buscar essas informações; como a SPU, informações que dizem respeito à regularização da terra, a SER VI



que é a representante mais direta da prefeitura de Fortaleza, aonde buscaram informações sobre a urbanização, e outros benefícios, a Cagece responsável pela regularização da água, enfim os órgãos que possuem as informações necessárias para solucionar os problemas conhecidos pelos moradores, mais o acesso às informações destes órgãos, como vimos, não é satisfatório. O conhecimento destes órgãos poderia beneficiar a comunidade de diversas maneiras, mas a interrupção da participação dos moradores nas reuniões por motivos de trabalho os levou a propor novos canais de disseminação de informação. Canais como jornalzinho de bairro, meio que hoje é bastante utilizado nas comunidades periféricas de Fortaleza, equipes de disseminação da informação que pudessem ir de casa em casa, convidar os moradores a participarem das reuniões e assim se manterem informados, enfim eles propuseram outros meios de repasse das informações para a comunidade. Cabe aqui propormos outra fonte que poderia funcionar como disseminação da informação e do conhecimento, uma Biblioteca. Que poderia funcionar como apoio informacional, educacional e social.

Isto nos leva a refletir que se existissem balcões de informação utilitária nas Bibliotecas públicas e que fizessem a extensão informacional provavelmente estes problemas poderiam ser sanados. Também chama atenção nessas respostas é que, embora o Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará contemple em seu currículo disciplinas como Biblioteca e Sociedade, História da Cultura e dos meios de Comunicação, entre outras, isto também parece não mobilizar os egressos deste curso para o desenvolvimento de ações fora da esfera da elite que freqüenta as bibliotecas públicas. Se existisse, por parte dos bibliotecários, o envolvimento com as causas sociais talvez fossem oferecidos serviços e produtos informacionais que viessem ao encontro das comunidades carentes, não apenas pontuais para o caso de nosso estudo, porém, de maneira geral.

Finalmente, nossa intenção, neste trabalho, foi identificar como a informação pode ser importante na construção de uma comunidade, de um bairro, ou de uma cidade. Ao designar a comunidade “Ernesto Che Guevara”, o fizeram para chamar a atenção de como se porta uma comunidade carente diante de uma ferramenta preponderante na atual Sociedade em que vivemos, a Sociedade do Conhecimento. Uma sociedade que, por hora, é muito excludente, principalmente no que diz respeito à democratização da informação, tema tão debatido nesta que é também chamada sociedade da informação. A democratização da informação é viabilizada pelo

direito previsto no artigo 5º parágrafo XIV que diz que todos têm direito ao acesso à informação. No entanto o que podemos concluir a partir do observado com a comunidade "Ernesto Che Guevara" é que problemas como: a falta de saneamento básico, a falta de educação, a falta de saúde, a falta de um laser, e a falta do que poderia levá-los a solucionar boa parte desses problemas, as informações utilitárias. Levam-nos a viver em condições precárias, levando-os a uma falência múltipla de sentidos. Sendo o principal deles a falência no exercício de sua cidadania. É o homem deixando de ser homem, deixando de exercer uma das condições que o diferem de seus anteriores de evolução.



## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Polis/APB, 1997
- ARAUJO, Eliany Alvarenga de. Informação, sociedade e cidadania: gestão da informação no contexto de organizações não - governamentais (ongs) brasileiras. **Ciência da Informação**. Brasília, 1999. v.29, n.2, p.155-167, mai./ago. Disponível em: <http://www.ibict.br/cienciadainformação.com.br>. Acesso em: 18 /11/ 2006
- ARTE ANTIGA. **Grandes Líderes da história: Che Guevara**. São Paulo: IBC, 2006
- ASSOCIAÇÃO ARQUIVISTA DO BRASIL. **Dicionário de terminologia arquivista**. São Paulo[s.n], 1989
- ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA COMUNIDADE ERNESTO CHE GUEVARA; **Livro de atas**. Fortaleza: AMCECG, 2006
- BOOTH, Wayne C. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000
- BRANDÃO, Fátima reina Lopes. **A elaboração do saber nas lutas pela moradia: um estudo sobre ocupações de terrenos em Fortaleza**. Fortaleza: UFC, 2001
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984
- DALLARI, Dalmo de Abreu. **O que é participação política**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984
- DEMO, Pedro. Ambivalência da sociedade da informação. **Ciência da Informação**. Brasília, v.29, n.2, p. 37-42, mai/ago.2000. Disponível em: <http://www.ibict.br/cienciadainformação.com.br>. Acessado em: 18 /11/ 2006. Acesso em: 18 /11/ 2006
- DOIMO, Ana Maria. **A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70**. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2004.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas S. A, 1999.
- GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.
- GUERRA, Alba Gomes; CARVALHO, Glória. **Interpretação e métodos: repetição com diferença**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

- HOBBSAWN, Eric. **Os trabalhadores**: estudos sobre a história do operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004
- MCGEE, James, PRUSAK, Laurence. **Gerenciamento estratégico da informação**: aumente a competitividade e a eficiência de sua empresa utilizando a informação como ferramenta estratégica. 6.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1994. p.23-24
- MIRANDA, Antônio. **Ciência da Informação**: a evolução de um conceito. São Paulo: [s.n], 2003.
- MOVIMENTO DOS CONSELHOS POPULARES (MCP). **Princípios e Diretrizes Políticas Programa e Estrutura**. Fortaleza: Expressão, [s.d]
- NAHUZ, Cecília dos Santos, FERREIRA, Lusimar Silva; **Manual para normalização de monografias**. 3.ed. São Luís: [s.n], 2002
- NISBET, Robert. A comunidade. In DOIMO, Ana Maria. **A vez e a voz do popular**: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1995
- OFFE, Claus. New social movements: challenging the boundaries of institutional politics. In: DOIMO, Ana Maria. **A vez e a voz do popular**: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1995.
- PAZZEBON, Paulo Moacir Godoy (Org.); **Mínima metodológica**. Campinas: Alínea, 2004.
- PINHEIRO, Edna Gomes. **Entre o sonho e a realidade**: a leitura como atribuição de sentidos no contexto do câncer infantil. João Pessoa: UFPB/CMCI, 2000.
- ROBRERO, Jaime. **Da ciência da informação revisada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus, SSRR Informações, 2003.
- SUAIDEN, Emir. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.
- TERROU, Fernando. **A Informação**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
- THE LIBRARY ASSOCIATION. Community informations: what libraries can do. A consultive document. In: SUAIDEN, Emir. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.
- THOMPSON, Eduard P. **História da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



- TOURAINE, Alan. El regreso del actor. In: DOIMO, Ana Maria. **A vez e a voz do popular**: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1995.
- WEITZEN, H.Skip. **O poder da informação**: Como transformar a informação que você domina em um negócio lucrativo. São Paulo: Makron, Mcgraw-Hill, 1991.